

Duplicata

TRÊS X QUATRO



JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO DE JORNALISMO DA FABICO-UFRGS - Porto Alegre, maio de 1997 - nº 2

MST

A rotina de um acampamento dos sem-terra em Júlio de Castilhos

Páginas 6 e 7

MRTA

Vitória de Fujimori não desanima os guerrilheiros do Tupac Amaru

Pág. 9

EZLN

Movimento guerrilheiro retoma a luta histórica de Emiliano Zapata

Página 8

CRÍTICA

A análise do último 3x4 na estréia do ombudsman

Página 3

ENTREVISTA

Ivanete Tonin fala sobre a necessidade de mobilização popular

Página 12

FOTOJORNALISMO

Cobertura dos conflitos populares pela lente de três fotógrafos

Página 10



EDITORIAL

Em frente e à esquerda



Este é um projeto obsoleto como o PC do B de João Amazonas. É um velho e superado jornal de esquerda. Quem mais se interessaria pelos movimentos populares na América Latina? Quem sabe o que são os Zapatistas? Quem tem medo dos sem-terra?

O 3x4 volta à carga, desta vez para incomodar a mesmice neoliberal. Aliás, termo para lá de equivocado, pois as "novas" idéias econômicas são as mesmas contidas na Bíblia do Liberalismo, o livro "Pesquisa sobre as naturezas e as causas da riqueza das nações", de Adam Smith. Detalhe: ele foi publicado em 1776.

Os liberais de hoje e de ontem controlam a mídia. Para quem detém o poder econômico, a compra de votos para a reeleição de FHC é apenas mais uma prova de que o livre mercado funciona. O

que vale é a tradição, a família e a propriedade, desde que a propriedade e a tradição estejam no nome da nossa família.

Bem, a luta continua. E a foice é um instrumento do campo ou do campo de batalha? O Jornal 3x4 deslocou uma equipe até Júlio de Castilhos, sem qualquer apoio da FABICO, para retratar o dia a dia de um acampamento de sem terra no Rio Grande do Sul. Um dos líderes do Movimento Sem Terra (MST), Ivanete Tonin, afirmou em entrevista que o Governo não tem intenção de realizar a reforma agrária. O MST, portanto, vai continuar batalhando para conseguir terra para quem precisa. (Antes que alguém se manifeste: Não, isto não é mais um **Élio Gaspari**, ou seja, uma entrevista virtual...).

Ela retorna em grande estilo. Atendendo a inúmeros pedidos, a coluna **Nos Dedos** está de volta. Grande polêmica da primeira edição: afinal, a festa dos bixos estava ou não uma merda? Em uma edição inteiramente dedicada à ética, uma nota de apenas três linhas causou tanto rebuliço. Será que alguém se preocupou em ler o

resto do jornal?

O jornal 3x4 ainda foi acusado de seguir modelos, de tentar ser apenas uma cópia malfeita do grande fast-food jornalístico que é a imprensa brasileira. Para tais bacharéis em comunicação, amantes da criatividade a todo custo, queremos informar que o próximo 3x4 será totalmente em branco. Cria-se assim o primeiro jornal interativo do país (por que aqui **você** escreve...).

Mesmo assim, o 3x4 inaugura duas práticas inéditas no jornalismo fabicano: o surgimento de um ombudsman e o direito de resposta. Sim, por incrível que pareça quem se sentiu ofendido por qualquer declaração da edição anterior vai, finalmente, ter a chance de se defender.

Enfim, é isto. O 3x4 sempre foi feito com total dedicação de seus componentes e com respeito ao público leitor. Errando algumas vezes, acertando outras, o jornal segue na busca e na luta por uma palavra um pouco esquecida pelos mestres da comunicação (há, há, há) desta faculdade: **RESPEITO**.



TRÊS XQUATRO

O Três x Quatro é o jornal laboratório produzido pelos alunos da disciplina de Redação IV do Curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Participaram desta edição

Andréa Brasil
Caroline Chang
Cibele Vieira
Daniel Vidor
Daniela Ungaretti
Denian Couto
Jesus Ariel Rodriguez
Leandro Brenner
Lorraine da Luz
Marianne Scholze
Marinella Peruzzo
Patrícia Yurgel
Paulo Pinheiro
Petrucia Ferreira
Rafael Beck
Tatiana Klix
valesca Cerski

Professor Responsável

Ana Maria Barros Pinto

FABICO

R. Ramiro Barcelos, 2705

CEP: 90035-007

Telefone: 316.5132

Impresso na Gráfica da UFRGS

Nos Dedos

Denian Couto e Marianne Scholze

Vamos abrir a NOS DEDOS desta edição com um direito de resposta. Veio dos Bixos.

Vocês têm todo direito de não ter gostado da festa dos bixos. Só não venham dizer que este foi o sentimento geral da Fabico. As "Bandas Sofríveis" fizeram o pessoal dançar a noite inteira. E quem entrou, gostou. Da próxima vez tentem chegar um pouco mais cedo.

NOS DEDOS responde: Ok... mas em nenhum momento nós afirmamos que o nosso sentimento foi unânime da Fabico. Aliás, aqui vai mais uma perguntinha: Existiu a Festa dos Bixos Parte II, aquela da Torre?

Ainda a respeito da edição anterior: a ilustre professora Rosa Nívea Pedrosa "caiu de pau" em cima da entrevista da contracapa. Ela afirmou em sala de aula para os alunos de uma das cadeiras de redação que ela ministra, que o 3X4 "poderia ter forjado" a entrevista. Pelo contrário. O 3X4 conseguiu algo inédito. Para quem não sabe, o "maior crítico da era FFHH" não dá entrevistas e abriu exceção justamente ao Jornal Laboratório da Fabico, nas condições de não ser identificado. Atenção Rosa Nívea para a nota que a NOS DEDOS dá para você: zero.

Para não fugir das trivialidades fabicanas, não podemos deixar de fora uma palavrinha sobre o I Fabico'n Röll.

A idéia foi genial, boa mesmo. As bandadas que ganharam mereceram, apesar das vaias. No entanto, o balanço final foi medíocre. Deu problema com a entrada do pessoal na Refinaria, com os horários estabelecidos para as apresentações e a festa não tinha clima de festivo. Até palhaço tinha por lá...

Atenção Chefia do Departamento, Comissão de Graduação da Comunicação e Dacom: quando os alunos da Fabico terão a oportunidade de contar com mais cadeiras optativas e em horários que não enlouqueçam os alunos? Diz a "lenda fabicana" que o pedido deve partir do Diretório Acadêmico. Com certeza o Dacom já articulou os pedidos e no semestre que vem teremos um amplo leque de opcionais...

Às vezes, não sempre, tem alunos da Fabico que se apavoram com o "bom-humor" do pessoal do Diretório. Na hora de pedir votos...

Mais uma vez foi difícil escolher a pasta da Comunicação. Desta vez, devido à falta de criatividade e à ruindade dos desenhos. Trinta e seis corajosos votaram na "pasta das bandeirinhas". Você não adoraria ter uma pasta dessas?

By the way: Você não acha que "forjar entrevistas" é coisa de quem não tem capacidade de enxergar além de Porto Alegre, e muito menos ler nas entrelinhas?

YES, NÓS TEMOS OMBUDSMAN

Daniel Vidor

Eu gostaria de começar essa coluna com um dado interessante sobre o 3x4. Até onde sei - e até onde a memória de algumas figuras jurássicas da Fabico alcança - sou o primeiro Ombudsman do Jornal. Interessante porque é sintomático: apesar dos discursos e das disposições, a turma 94/1 é a primeira a bancar um espaço de discussão interna. A institucionalização desse espaço é importante, por mais que a turma do "não adianta mesmo" se manifeste contra. Importante não só pelas análises que poderão ser feitas nessa coluna, mas também pelo simples fato de a coluna existir, criando um instrumento para a crítica, para a sugestão, para a interação do público com as pessoas que fazem o jornal. O Jornalismo não é um vaso raro para ficar em cima de um pedestal.

Essa turma de Jornalismo - a de 94/1 - vem discutindo, desde os tempos de calouros, a democratização da Comunicação, as possibilidades de estreitar os laços que deveriam unir um veículo de comuni-

cação e o público que o lê, vê ou ouve. Na primeira edição, não pensamos em ter esse espaço. Erro nosso. Se sempre criticamos esse problema - a falta de comunicação do Meio com o seu público - nada mais óbvio que abrir essa coluna. Bem, aqui está ela e aqui permanecerá, pelo menos, até o final desse semestre.

Essa é outra característica curiosa do 3x4: esse jornal é esquizofrênico. As opiniões divergem quanto ao diagnóstico preciso: esquizofrenia ou psicose. Explico. O jornal não possui uma identidade. Melhor, possui sim, mas é uma identidade mutante, que vai variar de acordo com a turma que o está fazendo. Cada semestre tem um jornal diferente do anterior, pois cada turma tem uma tese diferente, uma pauta diferente e, o pior, um(a) professor(a) diferente. Como o psicótico percebe essas mudanças, achei que "esquizofrênico" era mais adequado, pois como o Jornal, ele não tem consciência de suas mudanças.

Isso torna o trabalho do ombudsman extremamente difícil. Posso

criticar as edições passadas produzidas pelo jornalismo 94/1 - nesse semestre. Não participei dos anteriores e não participarei dos posteriores. E como não tem um caráter permanente, fica complicado situar o jornal em uma análise mais ampla. Por isso, não esperem grandes vôos nesse semestre. Vou-me ater às edições produzidas pela

A postura editorial do 3x4 irá variar de semestre para semestre. E por falar nisso, vamos ao que interessa. O último 3x4 tem uma série de virtudes, mas na conta final, os erros ganham. E não por falta de vontade de acertar ou algo que o valha, mas pela simples falta de experiência das pessoas que fazem o jornal - incluindo esse que vos escreve. Mas temos que ter claro que é aqui o espaço do erro, da tentativa, da busca pelo melhor caminho.

O primeiro aspecto que quero discutir é o primeiro a ser visto: o projeto gráfico. Fraco, sem muita criatividade, com problemas de diagramação. O fato de ser um jornal - por excelência, a Mídia impressora - por excelência, a Mídia impressora mais "conservadora" graficamente falando - não deve impedir que experiências sejam feitas e que limites sejam transpostos.

A qualidade das fotos está, no mínimo, tenebrosa. Mas aqui, grande parte do problema pode ser atribuída à falta de tecnologia da gráfica, que ainda não é capaz de gerar um fotolito diretamente do computador. Como não possuíamos o original da grande maioria das fotos utilizadas, somente a versão eletrônica, tivemos que imprimi-las, primeiro para depois fazermos o fotolito. Problemas menores, mas que de qualquer modo influenciam. E por falar em fotografias, pouquíssimas foram produzidas por alunos da disciplina. Na verdade, de nove fotos do jornal, apenas duas são de uma aluna.

As ilustrações também não foram produzidas pela equipe, e charge, nem pensar. Pelo visto, há um tempo que nenhuma pena inspirada passa pelo Jornalismo da Fabico. Tanto as fotografias como as ilustrações não estão boas.

Vamos discutir um pouco o tema do jornal. Vocês notaram que em todo o jornal não se vê uma posição clara do 3x4 em relação à Ética? Fale-se sobre Ética, ouvem-se pessoas que falam sobre casos que se relacionam com Ética, mas em pouquíssimos momentos entrevêm-se opiniões dos alunos que escreveram as matérias sobre o assunto. Pode-se discutir aqui qual a função do jornal: opinar sobre o assunto, informar, buscar a imparcialidade mostrar os vários pontos de vista possíveis.

O mais importante a se discutir não é a postura editorial do 3x4 - que irá variar de semestre a semestre, de turma a turma, de professor a professor. O que quero discutir é a escolha do tema do jornal, algo muito vasto e sem condições muito favoráveis para ser levado a cabo. E explico porquê: Ética é um assunto escorregadio, difícil e que envolve muito mais do que o Jornalismo. E muito poucos, no meu entender, hoje, possuem o instrumental teórico necessário para mergulhar na questão. Outro problema enfrentando pelos alunos foi a falta de experiência profissional. Dos que estão trabalhando na área, a quase totalidade é de iniciantes, que dificilmente tem a chance de realmente influir, até mesmo de topar, com questões que envolvam Ética jornalística.

Claro que com esse ingrediente não era possível termos um jornal que tratasse do tema com a verticalidade que ele exige. Resultado: ficou devendo. E não pensem que eu não me incluo nesse balaio de gatos. Eu também fiquei devendo.

Uma nota em especial gerou uma série de protestos por parte dos calouros desse semestre. A nota na coluna "Nos Dedos" sobre a festa dos Bixos falava em "bandas sofríveis" e dava uma nota: 6. Algumas considerações:

Em primeiro lugar, essa coluna é feita coletivamente, apesar de ser assinada por dois colegas - Denian Couto e Marianne Scholze. Uma das

reclamações foi de que nenhum dos dois teria ido à festa. Ponto para os bixos. Faltou na nota - melhor ainda se essa informação estivesse na Coluna - que ela é coletiva. Alguém foi e não gostou. E esse alguém deveria ter sido identificado pelos colunistas.

Segundo, muito do que está na Coluna é baseado em conversas, em captação de notícia, em troca de figurinhas. Dos colunistas é a responsabilidade de filtrar o que é pertinente e o que não é. Presume-se que a fonte da nota deva ser confiável, caso contrário, não deveria ter saído.

Por outro lado, acho necessário que os calouros se dêem conta de que a Coluna é um espaço de Opinião. Ali, pode-se exprimir visões particulares sobre vários assuntos. No caso específico, não gostou-se das bandas. Algo como "Depois de Edgar Allan Poe, ninguém mais escreveu romances *Noir* que prestassem". Pode-se discutir a fundo a questão, da estética ao estilo, da construção frasal ao ritmo literário. Só não se pode discutir gosto pessoal. Cabe aqui, porém, um alerta: o perigo de opiniões absolutas. Afirmações definitivas, geralmente, são fruto mais do chute do que de uma vasta experiência. Muito difícil - para não ser absoluto e dizer "impossível" - que alguém tenha lido, ou esgotado, tudo sobre o assunto.

Presume-se que quem lê uma coluna sabe que está lendo a opinião pessoal do colunista. Concorda-se com ele, ou não. Eu

lia Paulo Francis, apesar de discordar da quase totalidade de suas opiniões. E eu sabia que estava lendo as opiniões de Paulo Francis, e não a verdade universal.

Assim, o que foi lido na Coluna é a opinião dos colunistas.

Por último, quem dá nota expõe-se a receber uma nota também. Os colunistas sabem disso e aceitaram essa posição sem maiores dramas de consciência. Afinal, ninguém por aqui tem - ou não deveria ter - problemas com liberdade de expressão.

Bom, vou terminando por aqui. Sou todo ouvidos para as críticas, sugestões e eventuais elogios a essa edição. Até o mês que vem.

Uma história de resistência eterna

Os movimentos populares na visão de Luiz Roberto Lopez

Patrícia Yurgel

Os movimentos populares na América Latina são uma forma antiga de resistência. Mais antiga do que se pensa, segundo o professor de História Luiz Roberto Lopez: "Eles surgiram quando o europeu pisou aqui, desde a hora em que se consolidou um colonialismo que de saída foi opressor e devastador". Os primeiros a surgir na América Latina foram os de índios contra a colonização europeia e os de negros contra a escravidão.

Ao contrário do que se costuma ouvir nas aulas de história, os latino-americanos sempre se organizaram em movimentos populares e sociais, alguns até mesmo desconhecidos. Segundo Lopez, hoje sabe-se mais do que antes: "No Brasil, como há uma democracia formal, já podemos saber muito mais sobre a situação dos oprimidos. Ainda assim, há muita miséria, injustiça e opressão que não é de conhecimento público, e não há interesse das elites para que seja. É fácil ensinar o nosso povo de que ele é acomodado. Mas se estudarmos história, vamos ver que o povo reagiu à dominação sempre que pôde e como pôde".

A palavra principal no conceito de movimentos populares é "opressão". Segundo o professor, "movimento popular é, por definição, movimento de oprimidos. Tem o duplo caráter de ser contra dominações externas e internas". Vai desde a luta à escravidão até movimentos de classes pobres contra a exploração econômica. No

Brasil, temos o exemplo de Quilombo dos Palmares como o primeiro movimento autenticamente popular. Durou cerca de meio século em Alagoas, e desafiou a dominação mostrando que o povo é capaz de se organizar por si mesmo.

Segundo Lopez, estamos em uma época em que os movimentos populares estão fracos, apesar do MST ser um movimento legítimo: se inscreve no contexto amplo de movimentos dos expropriados do Brasil. "Também tira sua legitimidade do fato de que a distribuição da terra no país foi sempre de maneira a marcar a concentração de riqueza na mão de poucos, a expropriação de muitos e a redução de muita gente à condição desumana" — completa o professor.

"Nesta fase neo-liberal, em que o povo está excluído e as elites, mais dominantes do que nunca e alienando as consciências como nunca fizeram antes, nós vamos chegar à conclusão de que os movimentos populares são a única chance de reverter esta situação". Lopez também acredita que a partir do momento em que os MP começarem a olhar uns para os outros e formarem alianças, eles começarão a ter a força necessária para fazer pressão. Enquanto isso, vão sempre existir, mesmo que de maneira isolada:

"Enquanto houver um sistema baseado na apropriação de riqueza de um país por poucos, sempre haverá um terreno fértil para o surgimento de movimentos populares".

O futuro da América Latina passa pelos movimentos populares

Andréa Brasil

Há quatorze anos trabalhando como repórter na editoria geral do jornal Zero Hora, Carlos Wagner aprendeu a ver além quando se trata de movimentos populares. Sete livros escritos, trinta e dois prêmios estaduais, nacionais e internacionais, sendo cinco prêmios Esso, atestam ao jornalista essa capacidade de visualizar além dos contornos.

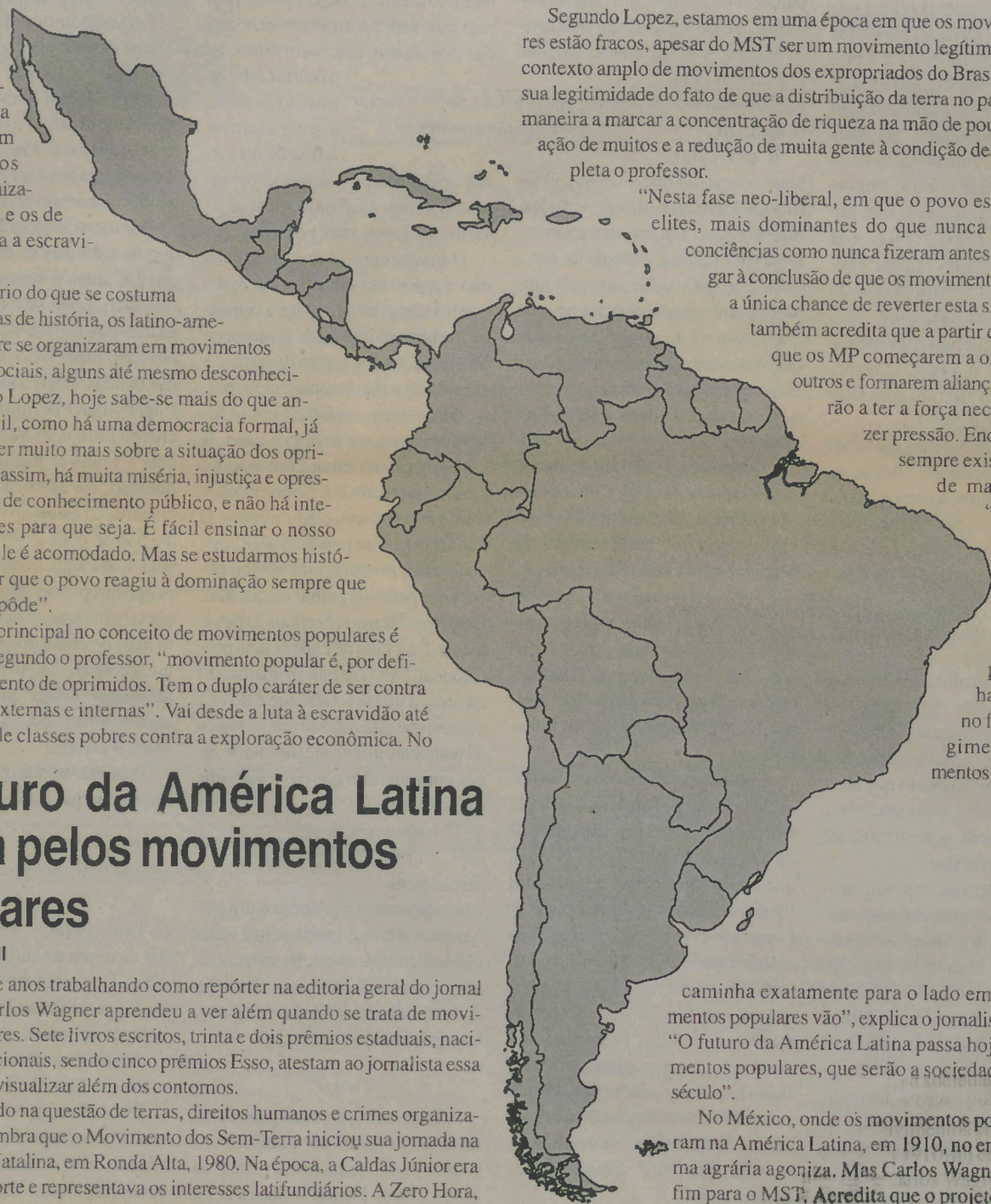
Especializado na questão de terras, direitos humanos e crimes organizados, Wagner lembra que o Movimento dos Sem-Terra iniciou sua jornada na Encruzilhada Natalina, em Ronda Alta, 1980. Na época, a Caldas Júnior era uma empresa forte e representava os interesses latifundiários. A Zero Hora, então, voltou-se aos pequenos produtores e ao MST.

Para o jornalista, a questão da terra é uma ponta de lança. Atrás dela, vem todos os problemas que afetam a população. "Quando se vê um bando de loucos gritando por terra junto com um bando de loucos das cidades, o que se vê é uma sociedade clamando por justiça, educação, emprego, saúde pública". Em que direção a flecha vai? Wagner arrisca uma previsão, que passa pela reeducação da sociedade. "O MST é o maior redistribuidor de renda do país, o que implica na reeducação das pessoas. O Brasil hoje

caminha exatamente para o lado em que os movimentos populares vão", explica o jornalista. E vai além: "O futuro da América Latina passa hoje pelos movimentos populares, que serão a sociedade do próximo século".

No México, onde os movimentos populares surgiram na América Latina, em 1910, no entanto, a reforma agrária agoniza. Mas Carlos Wagner não vê esse fim para o MST. Acredita que o projeto educacional em que está fundamentado o movimento impede as novas gerações de cometerem os mesmos erros que os pais e perderem as terras. Esse fator seria a base para a perpetuação do movimento.

Enganam-se, contudo, os que vêem na terra o centro da luta do MST. Conforme o jornalista, a conquista de terras nada significa. Como ele costuma enxergar, o campo de batalha está mais adiante. A maior conquista dos movimentos populares se constituiria, isto sim, no reconhecimento e na dignidade.



Che está vivo 30 anos depois

Ainda hoje o mito de Ernesto Guevara ainda provoca polêmica e admiração

Cibele Vieira

Não pude amar em cada homem uma árvore...., esta é uma poesia do livro *Canto General* de Pablo Neruda, obra que Che Guevara lia para seus soldados intercalando com aulas de técnicas de guerrilha e de francês. Com certeza por isto, e muito mais, Ernesto Che Guevara se tornou uma lenda. Na passagem dos trinta anos de sua morte nosso imaginário pede reforços. Afinal, quem é este, que com certeza, é o maior mito da história da América Latina?

Há muitas lacunas na história de Guevara que agora começam a ser preenchidas por inúmeras publicações. Até o final do ano pelo menos sete biografias estarão disponíveis no mercado internacional. Com certeza duas delas merecem atenção. Uma escrita pelo americano Jon Lee Anderson e que já está nas livrarias brasileiras com o título "**CHE Guevara**" uma biografia, e a outra do romancista policial mexicano Taco Ignacio Taibo II, cujo título em espanhol é "*El Che*". Não há ainda edição brasileira, mas pode-se achar alguns trechos do livro na internet em inúmeras *pages* existentes sobre Che.

A biografia de Jon Lee prima em colocar os pingos nos is, em localizar Che no tempo e no espaço. Desde a data de seu nascimento, alterada no registro para esconder a gravidez prematura ao casamento de Celia, mãe de Che, até a data, local e hora de seu fuzilamento. Mas o americano peca, ou melhor, nem se arrisca a dar alma a Guevara, campo em que Taibo mergulha, muitas vezes, para dar respostas as atitudes e decisões tomadas por Che. Anderson parece simpli-

ficar a personalidade de Che em ser médico e humano ou ser guerrilheiro e frio. Em salvar em meio a uma cravejada de balas seus instrumentos médicos, com os quais poderia salvar a vida de seus homens, ou a munição. Ele esquece de que nada adianta instrumentos a um morto que não tinha balas para se defender. Entretanto, como poderia um *Yanqui*, como o próprio Anderson se denomina em seus agradecimentos, entender as sutilezas da cultura Latina? Não podemos nos esquecer que são os pequenos detalhes que fazem a diferença na hora de contar uma história.

O certo é que Ernesto Guevara de La Serna era um ser complexo. Embora natural da Argentina era por natureza de toda a América Latina. Um ser moderno que conseguia enxergar a América Latina sem fronteiras devido a sua colonização e exploração. Ao mesmo tempo o médico e intelectual era um guerrilheiro que buscava suas origens indígenas para sobreviver nas matas e passava até seis meses sem tomar um banho. Como entendê-lo? Talvez lendo o livro citado acima e que Che levava consigo quando foi capturado e fuzilado em nove de outubro de 1967. **Canto General** conta a história da América Latina em forma de poesia, enchendo de beleza nossas raízes que tantas vezes des-



Livro tenta preencher algumas lacunas na história do Chê

prezamos.

Mas não podemos nos esquecer que um mito também vive de seus hiatos. E que há perguntas sobre Che que nunca serão respondidas e outras que precisam ser. No caso, a maior delas, onde estará seu corpo?

Um nome que é uma bandeira de revolta

A história de Tupac Amaru começou com a revolta de três descendentes dos incas

Jesus Ariel Rodriguez

O nome Tupac Amaru acompanha a história de três chefes indígenas que chefiaram rebeliões no Peru entre 1572 e 1783.

O primeiro Tupac Amaru ou Tupac Amaru I era o último descendente em linha direta do rei inca Atauvalpa e foi executado em 1572 por ordem do vice-rei espanhol Francisco de Toledo.

O segundo Tupac Amaru chamava-se José Gabriel Cordorcanqui, era tropeiro e descendente em linha materna de Tupac Amaru I. Ele iniciou uma revolta em 1780 voltada principalmente contra os abusos dos corregedores espanhóis, encarregados da exploração do trabalho escravo dos índios nas indústria da tecelagem.

José Gabriel foi derrotado por um exército de 17 mil homens, chefiados pelo general Valle, e executado junto com a esposa e filhos.

Diego Cristovão Tupac Amaru, meio irmão de José Gabriel, continuou a rebelião no sul do Peru onde mandou enforcar um corregedor chamado

Antonio Arriaga, saqueou caixas reais de coleta de impostos destruiu tecelagens e eliminou o trabalho escravo dos índios.

Ao mesmo tempo Julian Tupac Catari atacava La Paz e aconteciam rebeliões indígenas no Alto Peru, norte da Argentina e nas planícies da atual Colombia.

Atemorizados com a dimensão da revolta os espanhóis ofereceram anistia a Diego Cristovão Tupac Amaru que a aceitou em 1782 mas, traído, foi aprisionado em 1783 e executado com requintes de rueldade.

Tupac Amaru foi torturado junto com a esposa, filhos e principais aliados, teve a língua cortada, o corpo esquartejado, os membros expostos em várias cidades do Peru, o dorso foi queimado e as cinzas jogadas no rio Watanay e foi recomendado que todas a sua descendência fosse exterminada até a quarta geração.

Desde então o nome Tupac Amaru tem servi-

do de bandeira a várias movimentos populares na América Latina.

Um dos mais conhecidos é o Movimento de Libertação Nacional Tupac Amaru, do Uruguai, que alcançou grande notoriedade nos anos sessenta e setenta, quando seqüestrou o embaixador brasileiro e, também, realizou o célebre seqüestro e execução de um funcionário da CIA especializado no treinamento de torturadores dos regimes militares que se implantavam na época.

Outra rebelião a usar a bandeira de Tupac Amaru é o Movimento Revolucionário Tupac Amaru, do Peru, que ocupou a embaixada japonesa no fim do ano passado. A invasão se prolongou por três meses e acabou com a execução de todos os guerrilheiros.

Desde a morte de Diego Cristovão Tupac Amaru não é nenhuma novidade na América Latina a técnica de execução dos revoltosos e de toda sua descendência.

No acampamento Palmeirão esperar é o

Em Júlio de Castilhos, 1,2 mil famílias de sem-terra esperam

Daniela Ungaretti, Loraine Luz e Marinela Peruzzo

Sete horas. O dia amanhece no acampamento. A primeira imagem é surpreendente: uma imensidão de barracos de lona preta espalhados por todos os cantos. Com a aproximação, os acampados olham curiosos, embora já se mostrem familiarizados com essas pessoas de máquina fotográfica pendurada no pescoço e bloco de anotações nas mãos. Alguns ainda lavam o rosto no caneco improvisado de pia, outros tomam um café preto enquanto saboreiam um bolinho. Faz um frio de gelar os ossos, mas a maioria deles veste apenas short e camiseta. Nos pés, aquele que parece ser o maior companheiro dos sem-terra: os chinelos. No rosto, a expressão de que o dia que começa é apenas mais um na longa espera pelo assentamento.

Cara de vítima

Este é o início da rotina do acampamento *Palmeirão*, na fazenda Alvorada, a 30 quilômetros de Santa Maria. Rotina que, desde o dia 1º de dezembro de 1995, se resume a uma única palavra: esperar. Das 1,2 mil famílias que integram o *Palmeirão*, somente 72 ganharam o seu pedaço de terra. O resto ainda ostenta aquilo que diz ser hoje os seus maiores bens: a lona, as panelas e os colchões - um patrimônio mais valioso do que aquele que o campo ou a cidade poderiam proporcionar, asseguram. Setenta por cento dos acampados do *Palmeirão* são agricultores que, explorados pelos latifundiários, foram tentar a vida na cidade e, não raro, acabaram na marginalidade. O radinho de pilha é a grande riqueza de alguns acampados, e a televisão é um bem raro no acampamento, até porque, para funcionar, é preciso ligá-la em baterias.

São pessoas miseráveis, mas não infelizes. Ninguém parece ter vergonha de ser o que é nem carrega aquela cara de vítima típica dos que sentem pena de si mesmos. Pelo contrário, eles estão sempre prontos para um sorriso (e uma fotografia) e se mostram orgulhosos de pertencerem ao movimento dos sem-terra.

Sala de reuniões

Grande parte deste orgulho é devido à organização do acampamento. Cerca de 2.000 pessoas estão divi-



O acampamento *Palmeirão* tem a única escola itinerante reconhecida pelo MEC.

das em 33 núcleos de 30 famílias cada. Nestes núcleos há um coordenador, palavra que substitui o termo líder, não adotado pelos acampados. Além disso, há em cada núcleo uma equipe da área da saúde, da alimentação, da higiene, da segurança, dos barracos, da religião, dos esportes e da formação, responsáveis por manter a ordem em seu setor. Os encontros diários dos representantes das equipes tornam o acampamento uma verdadeira "sala de reuniões". Os acampados também elegem nove coordenadores gerais que são encarregados dos assuntos políticos, das negociações, e, é claro, das finanças.

Sem excessos

O dinheiro do acampamento vem das chamadas

frentes de trabalho, que empregam quase 1.000 sem-terra nos períodos de colheita, esvaziando, em parte, o acampamento. O lucro, no entanto, é dividido: 50% fica para o trabalhador e o restante vai para o acampamento. Os coordenadores garantem que é deste dinheiro que conseguem se alimentar. "Se fôssemos esperar pela comida do INCRA, morreríamos de fome", diz Jonas Iori, ex-acampado e integrante da secretaria do MST. Os alimentos se resumem a leite em pó, arroz, feijão, farinha de mandioca e de trigo e azeite. Os acampados fazem três refeições por dia, e as crianças também têm direito a bolachinhas no intervalo da escola, feitas pelas próprias acampadas ou doadas por alguma entidade.

Mas em troca da acolhida, o movimento exige res-



po sua vida era outra. Tinha sua própria terra e garantia o sustento da família plantando arroz. Há cerca de quatro anos, uma enchente acabou com tudo. O arroz apodreceu e a casa foi infiltrada pela água.

Na espera

Há pouco mais de um ano, Emílio Grave, 64 anos, partiu da cidade de Ibirubá, deixando a mulher e as filhas. Na companhia do filho, o destino era a Fazenda Alvorada, em Júlio de Castilhos. O objetivo, igual ao de outras 1,2 mil famílias: conseguir um pedaço de terra. Cinco meses depois, Emílio foi surpreendido com a morte prematura do filho, mas nem por isso diminuiu sua esperança de ver os Grave sorteados para o próximo assentamento. Na condição de aposentado, não tem direito à terra, que guarda com tanta determinação: o faz para a filha. A adesão ao MST é recente. Até pouco tem-

Eles já foram sorteados

Beatriz de Brito Cabral tem apenas 13 anos e aderiu ao MST acompanhando a mãe. No primeiro acampamento de sua adolescência, conheceu Vilmar Rumanci, 22 anos, e hoje os dois formam o mais novo casal do *Palmeirão*. Beatriz e Vilmar pretendem se casar, mas não é a proximidade de uma data que oficialize a união o motivo dos sorrisos. O casal está entre os sorteados para o assentamento em Santana do Livramento e o que mais querem é pisar na terra ganha. O casamento fica para depois.

é o que resta am ser assentadas

peito. Esta é a principal lei dentro do acampamento. A começar pela hora do silêncio- das 22h às 6h- até os namoros, a ordem é respeitar. A punição para quem não se comporta pode chegar à expulsão, ainda que o princípio seja sempre a "reeducação". No domingo, o cuidado é redobrado, pois é dia de festa. As mulheres vestem suas melhores roupas para participarem do culto ecumênico, a missa dos sem-terra, uma das maneiras encontradas para facilitar a integração das diversas religiões do acampamento. Enquanto isso, os homens preparam os times para jogar futebol. A bebida é permitida, "mas sem excessos", garante Jonas Iori.

Futuro assusta

As crianças também são ensinadas pelo princípio do respeito e do companheirismo. O *Palmeirão* é o primeiro acampamento de sem-terra do Brasil a implantar a escola itinerante, que leva este nome porque acompanha o movimento onde quer que ele esteja. Além disso, é uma escola legalizada pelo governo. Hoje, os seis professores do *Palmeirão* têm o curso de magistério, e seus alunos são reconhecidos. A escola ainda tem problemas de material e infra-estrutura, mas, mesmo debaixo de árvores, as crianças aprendem o motivo de estarem lutando por um pedaço de chão.

São 639 crianças no *Palmeirão*, um número significativo se for levado em conta a quantidade de homens e mulheres do acampamento. A preocupação com o alto índice de natalidade já levou várias entidades, como a Emater/RS, a desenvolver cursos de saúde preventiva e planejamento familiar entre os sem-terra do *Palmeirão*. O futuro também assusta, sem dúvida. O que você quer ser quando crescer? Mesmo sem saber bem a razão, o pequeno sem-terra não vacila em responder: eu quero plantar!

"Plantemos nesta terra como irmãos", diz a letra do hino do movimento dos sem-terra. Com este objetivo, o *Palmeirão* já realizou três caminhadas e três ocupações. Para os sem-terra, o movimento é o único meio de conseguir alguma coisa na vida e trabalhar naquilo que sabem fazer: cultivar a terra. Mas com dignidade.

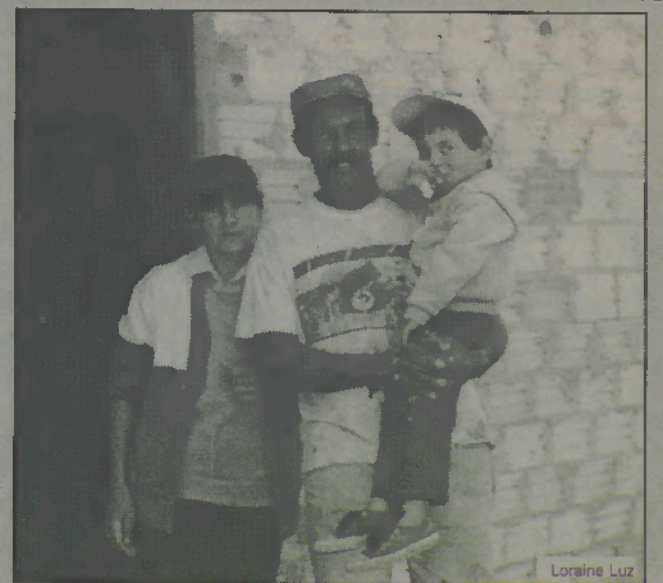
DÉCADAS DE LUTAS do MST

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra nasceu na região Sul do país a partir do final da década de 70, quando se intensificaram as ocupações. Um episódio marcou o início dessa articulação: a ocupação de uma fazenda em uma região conhecida como Encruzilhada

- 1950/1964** - Movimentos camponeses organizam-se enquanto classe formando as Ligas Camponesas, a União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil e o Movimento dos Agricultores Sem Terra. Em 1961, o pernambucano Francisco Julião reúne em Belo Horizonte quase 2 mil sem-terra, que juntos aprovam a luta pela reforma agrária.
- 1964** - A ditadura acaba com as iniciativas de organização rural. O Movimento dos Agricultores Sem Terra é posto na clandestinidade. No governo Castelo Branco, é aprovada a mais avançada lei agrária da história do país. O Estatuto da Terra, no entanto, nunca foi posto em prática.
- 1979** - Dá-se início às ocupações. Em agosto, uma família expulsa da Reserva Indígena de Nonoai acampa na Fazenda Natalino em Ronda Alta (RS). Outras famílias aderem e se forma o primeiro acampamento. A iniciativa é símbolo do surgimento do MST.
- 1984** - Algumas famílias se organizam, é a primeira reunião do que virá a ser o MST.
- 1985** - 1º Congresso Nacional do Movimento dos Sem Terra. Em outubro, os 9,5 mil hectares da Fazenda Annoni (RS) são ocupados por 8 mil colonos. A Annoni hoje se constitui num dos exemplos mais bem sucedidos da história das ocupações.
- 1987** - Os 22 mil hectares da Fazenda Reunidas, no município de Promissão, no Pontal de Paranapanema, são ocupados por dezenas de famílias. Hoje são 630. Ainda no Pará, outras 150 famílias são expulsas por pistoleiros das fazendas Canabrava e Curral das Pedras. A 350km de Florianópolis (SC), 100 soldados do Exército destroem um acampamento de 50 colonos. Na Fazenda Corimbatá (PR), mais de 5 mil pessoas são despejadas.
- 1989** - Mais de 3 mil sem-terra resistem ao cerco de 800 soldados e ocupam os 1,3 mil hectares da Fazenda Santa Elmira (RS). 19 pessoas ficam feridas.
- 1991** - A Fazenda Boa Vista, no interior de Cruz Alta (RS), é invadida por 1,5 mil famílias, que não resistem e desistem da ocupação.
- 1993** - Os mais de 2 mil hectares da Fazenda Capela, em Capela Santana (RS), são tomados por 950 famílias. A área é desapropriada e 140 famílias são assentadas.
- 1994** - Mais de 500 famílias ocupam a Fazenda Rondinha, no município de Jóia (RS).
- 1995** - Um policial e um sem-terra morrem durante confronto em São Félix do Xingu (PA). Ainda no Pará, nove sem-terras morrem no conflito na Fazenda Manah em Santana do Araguaia. Em Corumbiara (RO), 12 sem-terra e dois policiais são mortos na desocupação da Fazenda Santa Elina. No RS, duas invasões expressivas: a Fazenda Boqueirão, em Cruz Alta, é ocupada por 802 famílias e outras 1,2 mil acampam na Fazenda Alvorada, em Júlio de Castilhos.
- 1996** - No Paraná, acontece a maior invasão da história do MST. Quase 10 mil sem-terra entram na Fazenda Giacometti-Marodim, em Rio Bonito do Iguçu. No Pará, o massacre de 19 sem-terra em Eldorado dos Carajás espanta o país.
- 1997** - Dois sem-terras são mortos na Fazenda Pinhal Ralo (PR) menos de um dia depois das terras terem sido desapropriadas pelo presidente FHC. No Pontal de Paranapanema, oito agricultores ficam feridos na tentativa de ocupação da Fazenda São Domingos. Em abril, milhares de sem-terra realizaram uma marcha à Brasília.

O assentado

Roberto Dallaporta, 44 anos, lembra de todas as datas: chegou à Alvorada em 26 de setembro de 1995, depois de uma caminhada desde Cruz Alta; no dia 19 de dezembro, a terra onde hoje está, ao lado do acampamento, foi desapropriada. Depois de esperar por um ano e dois meses ao lado dos *companheiros*, como chama os colegas do Movimento, foi finalmente sorteado e iniciou vida nova com a mulher e os dois filhos pequenos. "Estou feliz, realizado. Quero mostrar para a sociedade que reforma agrária dá certo." Nos 21,7 hectares que recebeu, Roberto planta arroz, feijão e cria frangos. Serve de exemplo aos milhares de *companheiros* que próximos dele acampam na esperança de sorte parecida.



Lorraine Luz



sem-
arte, o
50%
cam-
te di-
os es-
ome",
etaria
ó, ar-
e. Os
anças
da es-
s por
e res-

Lorraine Luz



Lorraine Luz



"Somente um mundo novo ..."

Talvez poucos movimentos populares sejam tão conhecidos atualmente quanto o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN). Às vésperas do século 21, os zapatistas e seus simpatizantes aprenderam a contar com um poderoso aliado na divulgação de suas idéias: a Internet. A circulação em rede das lutas em Chiapas, no México, se tornou um dos mais bem-sucedidos exemplos do uso da comunicação on-line por um movimento de base social. Tal circulação não somente obteve apoio no México e em outros países ao movimento, mas, principalmente, ajudou a suscitar uma discussão mundial a respeito de outros problemas sociais do capitalismo contemporâneo. Apesar disso, os guerrilheiros mexicanos ainda são estereotipados como violentos rebeldes sem causa, sem nenhum crédito às suas idéias de liberdade e igualdade, constituintes de uma utopia buscada a todo custo.

O EZLN nasceu da união entre dois grupos que viram suas alternativas políticas fechadas pelo monopólio do Partido Revolucionário Institu-

Marianne Scholze e Rafael Beck

cional, de posição claramente elitista, no governo federal mexicano. Um grupo político-militar urbano e uma organização indígena do estado rural de Chiapas encontraram sua definição comum em novembro de 1983, ao concluírem que havia se esgotado a via pacífica de oposição e protesto. Como sua primeira mobilização, o Exército Zapatista assumiu a luta em prol das comunidades índias, extremamente



Subcomandante Marcos: símbolo de um povo que diz "Ya Basta!"

A voz dos esquecidos do México

Em Chiapas, um movimento guerrilheiro ameaça a estrutura política tradicional



... nos fará abandonar as armas."

marginalizadas em todo o México e sofrendo pressões por parte de grupos de fazendeiros, expulsões de terras e assassinatos.

1º de janeiro de 1994. O presidente mexicano Carlos Salinas, passando o final de ano com a família, recebeu a notícia de um general: "Forças armadas que se autodenominam Exército Zapatista de Libertação Nacional acabam de tomar a cidade de San

Cristóbal de Las Casas." "A informação é segura?", perguntou Salinas. "Absolutamente." Quando todos imaginavam mortos os movimentos revolucionários latino-americanos, a ousadia do EZLN surpreendeu o governo mexicano e o mundo. Ao reivindicar um programa mínimo incluindo "trabalho, terra, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz", os zapatistas conquistaram o apoio da opinião pública, resultando em um cessar-fogo a 17 de janeiro de 1994, após 16 dias de luta armada.

As negociações de paz, entretanto, não evoluíram. Em uma nova ofensiva militar, o governo tentou capturar o principal líder do movimento, conhecido apenas por subcomandante Marcos. O fracasso da operação e pressões internacionais fizeram com que fossem retomadas as negociações entre governo e guerrilheiros. Apesar disso, a situação atual em Chiapas continua difícil. Nenhum lado pretende desistir tão cedo. Marcos, por exemplo, deu uma única condição para abandonar as armas: "Um mundo novo."

Zapatistas e sem-terra: denominador comum

Podem ser observados alguns paralelos entre os zapatistas mexicanos (EZLN) e os brasileiros do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). A começar pela base social dos dois movimentos, de pouco ou nenhum peso econômico no



Zapatistas e sem-terra: inspiram simpatia por ...

capitalismo moderno. No caso dos zapatistas, eles mesmos dizem ser indígenas que não têm nada para vender nem compram nada, perfeitamente descartáveis para o capital.

Entretanto, ambos os movimentos têm uma imensa autoridade moral, despertando simpatia em vastos setores sociais e recebendo significativa solidariedade internacional. Os sem-terra são capazes de fazer ocupações de terra, e os zapatistas tomaram várias cidades de Chiapas em 1º de janeiro de 1994. Em ambos os casos, é o apoio nacional e internacional que impede os governos de tratá-los como caso de polícia ou questão militar.

A força dos dois movimentos vem, portanto, da justiça de suas reivindicações contra o contexto neoliberalista global, além da simpatia inspirada por sua ousadia e coragem em desafiar o poder. Talvez a grande diferença esteja na maior amplitude da luta do Exército



... sua ousadia e pela coragem em desafiar o poder

Zapatista de Libertação Nacional. Eles lutam pela terra, mas, também, pela democracia e pela dignidade dos povos indígenas, não somente no México mas em toda a América Latina.

Nem rendidos, nem vencidos...

A luta continua

Desfecho da "Operação Chavin de Huantar" não desanima o MRTA

Petrucia Ferreira

A postura do presidente peruano, Alberto Fujimori, acabou provocando adesão ao Movimento Revolucionário Túpac Amaru. Sua intransigência, que culminou com a execução dos guerrilheiros na residência do embaixador japonês em Lima, paradoxalmente, trouxe um incremento da força político-militar do Movimento e a coordenação com grupos revolucionários do resto do continente e do mundo.

Solidariedade

Logo após o "sucesso" do assalto à embaixada, enquanto a imprensa mundial se ocupava em mostrar as reações daqueles que aplaudiam a medida, outros grupos guerrilheiros se manifestaram contra o massacre: as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia e Exército de Liberação Nacional, o subcomandante Marcos do Exército Zapatista, o grupo mexi-

mento da popularidade de Fujimori após a libertação dos reféns, mesmo tendo conduzido algumas questões de modo suspeito. Tanto o governo peruano quanto o japonês proibiram os reféns de fazerem declarações, depois de alguns deles terem revelado ao jornal japonês Asahi que os membros do comando foram assassinados

quando já estavam desarmados e detidos. Também, segundo informes, todos receberam tiros na cabeça depois do ataque inicial, e os corpos dos rebeldes foram sepultados em tumbas anônimas.

"Ni rendidos ni vencidos"

A carta dos presos políticos de Canto Grande - Lima, no dia 19 de maio, explica que a tomada da embaixada, em dezembro, foi uma medida extrema, cujo objetivo principal era a libertação dos companheiros presos que têm suas vidas ameaçadas com um



MRTA "Con las Masas, con las Armas, Patria o Muerte, Venceremos!"

sociedade de paz com justiça social, e falam em unir forças para evitar que horrendos crimes como o de 22 de abril voltem a ser cometidos em outros povos do mundo. Isaac Velazco, em uma entrevista realizada pela Radio Klara de Valência-Espanha, três dias depois do massacre, afirmou que as manifestações contra Fujimori e o neoliberalismo vão crescer nas ruas. "Como todo índio, ruminamos nossa raiva e nossa dor, estamos mascando nossa ira que vai aumentando até explodir e arrasar com tudo", disse. Como últimas palavras na entrevista, Velazco fez questão de frisar que "O Movimento Revolucionário Túpac Amaru manifesta que contra o neoliberalismo só cabe a solidariedade e o internacionalismo, e reafirma que os combatentes não estão nem rendidos, nem vencidos, que a luta continua, que cada um dos assassinados, como Túpac Amaru, vive e vencerá."

História

O Movimento Revolucionário Túpac Amaru foi fundado oficialmente em 1984, mas tem origem na experiência de diferentes forças da esquerda peruana durante os anos 70. O MRTA é uma organização política e militar procurando mudanças revolucionárias na sociedade peruana e propondo a construção de um socialismo apropriado para as condições do Peru.

As primeiras ações armadas do movimento foram em cidades e tive-

ram projeção nacional. Em 1987, se transformou numa guerrilha rural, com a idéia de construir o Exército Popular Túpac Amaru.

O nome simboliza a luta do povo peruano contra seus opressores. O índio Túpac Amaru foi arrastado e esquartejado na praça de Cuzco, após ter liderado uma rebelião anti-colonialista que quase livrou grande parte da América do Sul do domínio espanhol.

Sendero Luminoso

Há mais divergências que similaridades entre o MRTA e o Sendero Luminoso. O Sendero não procura conquistar corações e mentes, mas sim impor sua direção ao povo. Não hesitam em matar e são repudiados fortemente pela sua crueldade. O MRTA diz que "sem o povo, não há revolução".

Assim, para se aproximar, desapropria comida de supermercados e distribui para o povo, apoia lutas populares, organizações profissionais e sindicatos, estando presente em várias mobilizações urbanas e rurais.

A atenção pública se voltou para o Movimento a partir da fuga de Canto Grande, prisão de segurança máxima no Peru. Em 1989, o MRTA construiu um túnel para dentro da prisão, resgatando um total de 47 membros, inclusive Comandante Rolando (Victor Polay), líder máximo preso desde 1992 no presídio de segurança máxima de Callao, Lima. Ninguém foi morto ou capturado, e todos voltaram à luta revolucionária.



Quatorze corpos recuperados. Segundo os reféns, havia dezesseis rebeldes.

cano Exército Popular de Liberação e, também, homens e mulheres progressistas. Ocorreram várias mobilizações, como a ação "Marieni", que invadiu a embaixada peruana em Copenhague, e outras de solidariedade, afirmando que "a morte de seus companheiros do comando Edgar Sánchez não será em vão, já que serviu para que o mundo saiba que no Peru existe um regime totalitário que não hesita em recorrer ao terrorismo de Estado," segundo comunicados do MRTA.

Não faltaram dados sobre o au-

regime carcerário injusto e desumano, "verdadeiras tumbas para seres vivos" e que, desde o início, a organização se mostrou disposta a uma saída pacífica.

"Com o assalto sangrento à embaixada, o Movimento Revolucionário Túpac Amaru não ganhou nem perdeu nada, quem perdeu algo foi o povo peruano" declarou o representante do movimento na Europa, Isaac Velazco. Quanto ao futuro, eles não têm bola de cristal para prever suas próximas ações, mas reafirmam sua decisão de seguir lutando por uma

Olhai o sangue no campo

Como é feita a cobertura fotojornalística de conflitos populares na América do Sul

Caroline Chang

A cobertura de movimentos populares não poderia ser outra coisa que não árdua. Esses movimentos são formados por grupos com poder de barganha limitado de pequena representatividade perante a sociedade e que, muitas vezes, não encontram outra saída além do uso da força. Se um conflito resultante desse quadro já é um filé para jornalistas em geral, imagine para fotógrafos, que registram minutos de confusões nos quais a História se solidifica, que conseguem fisgar e imortalizar a ira, a pobreza e o limbo, e que têm como tempo

hábil para realizar o seu trabalho a exata duração da pauta, sem direito a apuração a posteriori.

O 3x4 reuniu material produzido por dois fotógrafos atuantes no Estado e um estrangeiro. Pedro Cardenas, 31, é peruano, trabalha há sete anos no jornal *El Diario del Comercio*, de Lima, e integrou a horda de jornalistas do mundo inteiro que acompanhou o seqüestro da embaixada japonesa no Peru pelo Movimento Revolucionário Tupac Amaru. O gaúcho Cacalos Garrastazu, também com 31 anos de idade, é, há dois anos, o

fotógrafo da sucursal da RBS em Brasília. Em meio a votações no Congresso, ele foi escalado para cobrir, em agosto de 1996, o conflito entre sem-terra e a polícia do Pará que resultou em pelo menos 19 mortes. Ronaldo Bernardi, 35 anos, é, há 21, fotógrafo do jornal *Zero Hora*. A cobertura que mais lhe deu prestígio foi a briga entre sem-terra e a Polícia Militar na Praça da Matriz, no dia 8 de agosto de 1990, quando bateu a foto de um sem-terra armado com uma foice visto pelas costas, pela qual ganhou o prêmio *Esso de Jornalismo Nacional*.

COMPANHEIRISMO

Dois mil e quinhentos sem-terra ocupavam a PA-150, na altura de Eldorado dos Carajás, em

Banco de Dados ZH

uma manifestação contra a má distribuição agrária, quando mais de 100 PMs abriram fogo matando 20 pessoas e ferindo 44. No outro dia de manhã, estava chegando a Marabá, onde estavam os até então 19 corpos oficiais, o fotógrafo Cacalos Garrastazu. Ele permaneceu na região por volta de oito dias e cobriu a repercussão da chacina, a liberação do laudo das necrópsias e o enterro de vários dos sem-terra assassinados, em Parauapebas.



Numa pauta dessas tudo é dificuldade. A começar pelo desconhecimento da região, terminando com questões práticas, como alugar um bom carro o mais rápido possível e não ter linhas de telefone boas o suficiente para transmitir fotos. Conforme Cacalos, que gosta de fotografar esportes, natureza e chacinas, e que gostaria de ter a chance de cobrir uma guerra, nessas horas aflora entre jornalistas o senso de solidariedade. "Um fotógrafo leva o filme de todo mundo para revelar, outro escaneia as fotos, outro segura as pontas caso aconteça alguma coisa. Há casos em que até emprestamos nossa máquina."

Sebastião Salgado também cobriu o enterro. Suas fotos viraram livro e percorreram o mundo em exposições. Porém, trabalhar para uma rede de jornais diários tem suas limitações. Cacalos sabe disso e aprendeu a lidar com elas. "Tento fazer o menor número de filmes possível, para facilitar a edição, pois sei que depois que eu transmitir as fotos, elas ainda terão de ser retransmitidas para o *Jornal de Santa Catarina*, *Pioneiro*, *Diário Catarinense*. Como diz aquele velho ditado, foto boa é foto cedo."

ANO NOVO NO TELHADO

O seqüestro da embaixada teve início em 17 de dezembro do ano passado, quando integrantes do

Pedro Cárdenas

MRTA conseguiram levar armas para dentro da residência do embaixador japonês e fizeram de reféns todos os convidados de uma festa. Desse episódio, que considera a sua grande cobertura até agora, Pedro Cardena conta com orgulho que passou o réveillon de 1997 no telhado de uma casa próxima à embaixada, com mais 12 jornalistas, na espreita. "Tirávamos fotos de tudo, inclusive de nós mesmos. Havia a possibilidade de morrermos a qualquer hora." No dia 31, a energia elétrica do cativado já havia sido cortada. Ao soar da meia-noite, os jornalistas desceram do telhado do prédio onde estavam acampados, chegaram o mais próximo possível da residência do embaixador e saudaram reféns e seqüestradores. "Feliz Año Nuevo, Cerpa", gritavam eles.



Quando a embaixada foi invadida por atiradores militares de elite, dia 24 de abril deste ano, Pedro foi o único fotógrafo que conseguiu entrar no ônibus que levou os reféns e o presidente peruano Alberto Fujimori até o hospital para os primeiros exames. Ao sair da embaixada, o ônibus foi seguido por vários carros da imprensa, incluindo o carro do *El Diario del Comercio* no qual estava Pedro. Por vezes ele tentou entrar no ônibus, mas foi impedido pelo próprio Fujimori, com o qual trocou cotoveladas. A certa altura do percurso, viu um menino na calçada que abanava no ar a bandeira do Peru. Fujimori desceu do ônibus para pegá-la, e Pedro não perdeu a chance. Uma vez dentro do ônibus, só não foi expulso por ser amigo de Rodolfo Muñante, o ministro da Agricultura, que havia sido mantido como refém.

A FOICE QUE NÃO MATOU

O único trabalho da atual editoria de fotografia do jornal *Zero Hora* que ganhou o prêmio *Esso de Jornalismo Nacional* foi feita há sete anos, quando conflitos

Banco de Dados ZH



agrários não eram tão intensos e numerosos quanto hoje. Dezenas de sem-terra estavam acampados na Praça da Matriz tentando falar com Pedro Simon, o então governador do Estado. Foram cercados por PMs armados de gás lacrimogêneo, baionetas e cavalos. O resultado foi várias pessoas feridas e um policial degolado à foice que simbolizou, na época, a selvageria dos sem-terra aos olhos da sociedade.

Ronaldo Bernardi, juntamente a outros jornalistas, estava no acampamento desde de manhã, quando tudo ainda estava calmo, e pôde acompanhar a evolução dos ânimos. Quando a Polícia começou a evacuar o lugar, Ronaldo entrou numa barraca. Ainda ouviu um general gritar: "Vou dar mais 10 minutos, senão terei de fazer uso da força." Seguiu-se então mais de meia-hora de briga, e Ronaldo conta que nesse tempo não parou de disparar sua Nikon. Conforme ele, não teve tempo de ter medo. "Eu só queria fazer o meu trabalho e levar as melhores fotos possíveis para o meu jornal. Protegia a máquina com o meu corpo. Já me cortei, me quebrei e me arranhei fazendo certas pautas, mas nunca perdi equipamento."

Alguns sem-terra fugiram pelo centro da cidade, e foi na Esquina Democrática que o policial Valdeci de Abreu Lopes foi morto. O sem-terra que aparece com a foice na foto premiada de Ronaldo — publicada na *Zero Hora*, *Globo*, *Estadão*, *Folha*, *Jornal do Brasil*, *Manchete*, *Veja*, *Isto É* e *New York Times* — não é o sem-terra que desferiu o golpe fatal, mas esse detalhe permaneceu obscuro para opinião pública.

Fome no país do denunciismo

Denian Couto

Alguém sabe quanto a prefeitura de Porto Alegre investiu no patrocínio do livro de canções do MST? E você, leitor, lembra da polêmica criada pelo PMDB envolvendo o conteúdo do livro? Se esqueceu, atenção: a Secretaria Municipal de Cultura investiu R\$ 5 mil na publicação do livro, com a garantia de devolvimento do valor após a venda da obra. O conteúdo era puro e simplesmente as canções do Movimento Sem-Terra.

A prefeitura foi acusada de investir dinheiro público para editar um livro de pouco interesse à população e, pior, incitar à violência, uma vez que as letras das músicas do MST trazem versos "fortes e violentos", e podem incentivar à desordem. O alarde foi grande. Independente do conteúdo da obra, que nada mais é do que a realidade dos acampamentos e a cultura do movimento, o PMDB deitou e rolou, gritou, esbravejou e criticou a prefeitura por ter investido em cultura a "fortuna" de R\$ 5 mil. Dinheiro público, lembraram.

O instrumento político usado pelo partido do governo do "Estado de todos", no entanto, não surtiu os efeitos desejados. Desesperados por encontrar algo que abafasse a doação dos "miseráveis" R\$ 253 milhões à GM, eles se apegaram ao patrocínio do livro do MST. Não adiantou. O "assentamento da GM", como bem definiu o jornalista Elio Gaspari, continua af, escandaloso.

Da mesma forma, para esconder o escândalo da negociata de compra e venda de votos no Congresso para aprovar a emenda da reeleição, o governo federal foge desesperadamente da simples ameaça de instauração da CPI. O alvo? O MST. O presidente Fernando Henrique não poupou críticas às declarações do líder nacional do MST, João Pedro Stédile, que sugeriu a invasão de terrenos e até supermercados. E assim vai se passando a história do país. Um escândalo nasce aqui, tapa aquele ali. É o país do "denunciismo". Enquanto isso, viva a fome e a falta de terra. Viva o Brasil.

LIVRO PASSATEMPO CONTA OS FATOS DO SEQÜESTRO

"O Seqüestro dia a dia" segue os moldes de um roteiro hollywoodiano

Valesca R. Cerski

O Seqüestro dia a dia do escritor Alberto Berquó, lançado em abril pela Editora Nova Fronteira é um livro fácil. Fácil de ser lido e fácil de ser esquecido. Ele conta os fatos diários do seqüestro do embaixador americano Charles Elbrick. Poderia ter usado o termo história, mas este livro não conta uma história, ele simplesmente faz uma listagem de fatos e acontecimentos. Nas 137 páginas encontra-se trechos das colunas do Zóximo, notícias dos jornais da época sobre os mais variados assuntos (música, política, televisão) e etapas do seqüestro.

A idéia de situar a época, em seus mais diversos ângulos é ótima. Até porque oferece um interessante contraponto entre o mundo que aparecia nos jornais e o não-colunável universo da ilegalidade. Só que faltou conteúdo. Faltaram as histórias dentro da história. Faltou o "dia seguinte". Quais foram as reais conseqüências? O que aconteceu depois? No livro de Berquó aparece apenas uma lista com o destino de cada um dos principais participantes, de maneira sucinta. Para uma obra que se propõe a contar a verdadeira história do seqüestro, deixa muito a desejar. Poderia ter um pouco mais de análise e de história mesmo.

Fica a questão do porquê deste livro e porquê agora. A impressão que deixa é de algo escrito às pressas para aproveitar o gancho do filme *O que é isso, Companheiro?* e só. Para quem procura um guia superficial do acontecimento e das pessoas que tiveram participação, é o ideal. Esta publicação é rápida de ler e não



Berquó: pouca análise e pouca história

ocupa muito tempo. Mas quem busca algo mais significativo, mais analítico, procure em outro lugar. Por que *O Seqüestro dia a dia* é só um roteiro hollywoodiano, um passatempo. Descartável. Você pode viver sem ele.

O que é isso companheiro?

O filme de Bruno Barreto sobre episódio dos anos de chumbo causa polêmica

Tatiana Klíx

Roteiros adaptados de livros sempre provocam aquela batida discussão - "Eu gostei mais do livro" ou "Eles mudaram toda a história, desrespeitaram o autor". *O que é isso Companheiro?*, o filme de Bruno Barreto, baseado no livro de Fernando Gabeira que relata o seqüestro do embaixador americano no ano de 1969, na época mais dura da repressão militar no Brasil, não poderia ser diferente. Mas foi, pois além da simples comparação com o livro, o filme provoca uma comparação com uma parte da nossa história recente. Aí, as mudanças que transformaram os acontecimentos reais numa ficção para as telas do cinema causaram muita

polêmica. Personagens que se fundiram, injeções de características no protagonista para torná-lo um herói, torturadores com crise de consciência, guerrilheira que vende o corpo para conseguir informação, não agradaram muitas pessoas, principalmente aquelas que de alguma maneira estiveram envolvidas com a resistência ao regime militar.

Mexer com uma história que até agora foi tão pouco ou mal contada não poderia ser realmente uma tarefa simples. O filme de Barreto, no entanto, não foi feito para cobrir essa lacuna. *O que é isso companheiro?* é apenas uma ficção e não pretende retratar todos os fatos e contextos da época. E como ficção, é preciso

que se diga que o filme é muito bom. A trama tem suspense, ação, personagens bem caracterizados e tem amor. E retrata sim um recorte da realidade. O público não sai do cinema levantando bandeiras e querendo retomar a revolução, até porque essa revolução tinha suas contradições (muito bem mostradas no livro de Gabeira, inclusive) e personalidades frias e vingativas como a do guerrilheiro Jonas realmente existiram. A imagem da personagem militante Maria, no entanto, ao sair da prisão parálitica é uma das várias no filme que mostra a crueldade e as práticas do regime militar. A obra não deixa ninguém fugir dessa reflexão.

Mudanças só com gente na rua

Diretora do MST confia na mobilização para mudar a correlação de forças entre o governo e os trabalhadores

Tatiana Klux

Ivanete Tonin, a Nina, da direção estadual do Movimento Sem Terra, é presença sempre importante nos momentos de maior tensão do movimento no Rio Grande do Sul. Essa jovem de 27 anos milita há sete no MST, quando participou da ocupação da fazenda Bacaraí em Cruz Alta. Ivanete Tonin está presente em todas as negociações do MST com o INCRA e o governo. Nina, uma das maiores líderes do movimento no Sul, fala das perspectivas e caminhos do MST.

3x4- *O MST chegou com a marcha dos sem-terra até Brasília e foi recebido pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. Depois desta manifestação, quais são as perspectivas do movimento?*

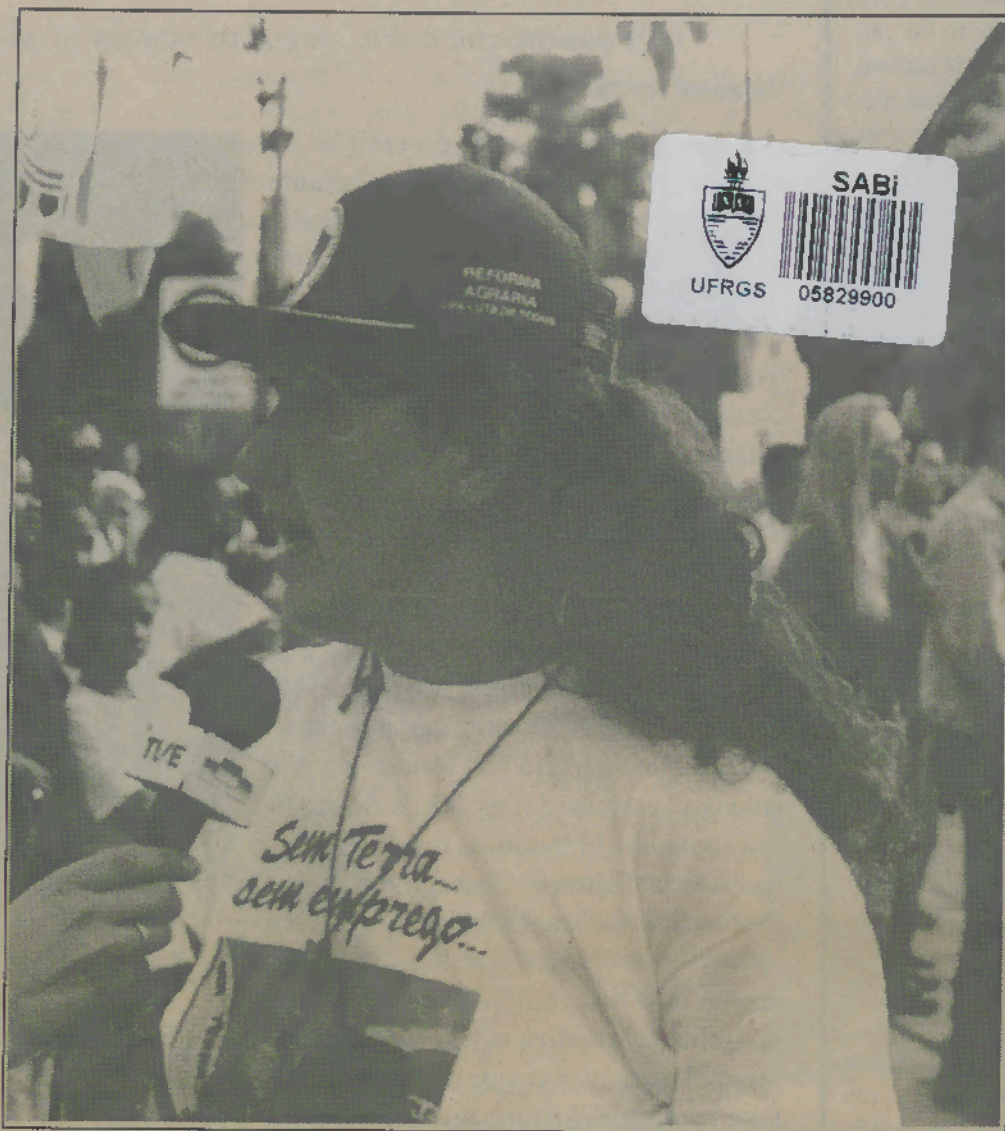
Nina - O presidente Fernando Henrique Cardoso propôs ao MST a formação de uma comissão de alto nível para discutir a reforma agrária. O MST, numa avaliação pós-marcha, decidiu que não vai participar desta comissão. O problema não será resolvido dessa forma, pois não há vontade política para fazer reforma agrária. Se o governo FH fosse democrático, ele teria criado comissões para discutir as questões da privatização da Vale do Rio Doce e da reeleição.

3x4 - *Nos últimos anos o MST se transformou num movimento simpático e popular perante a opinião pública.*

Por que ocorreu essa mudança? A novela "O Rei do Gado" contribuiu para que isso acontecesse?

Nina- Desde 1995, o MST tirou como prioridade uma diretriz - Reforma Agrária, uma luta de todos. Desde então, todas as ações do movimento no campo são correspondidas por uma ação na cidade para chamar a atenção da sociedade. A luta não é só dos sem-terra, mas de toda a sociedade e nós procuramos mecanismos para mostrar isso. A novela também foi importante nesse processo, pois trouxe o debate para uma parte mais pobre da sociedade que não gosta de assistir o Jornal Nacional. "O Rei do Gado" tinha distorções, não mostrou a realidade do dia-a-dia do movimento, mas mesmo assim foi importante.

3x4- *O MST hoje é o único movimento popu-*



Nina: todos trabalhadores pobres devem se organizar e reivindicar

lar forte e representativo. Por que os movimentos urbanos não conseguem essa repercussão?

Nina- O MST tem procurado se manter firme nos seus princípios. Nós pensamos que a melhor forma do trabalhador se organizar e reivindicar os seus direitos é através da luta. Só se consegue mudar a correlação de forças entre o governo e os trabalhadores com muita gente na rua. O

MST tem representatividade porque nós conseguimos mobilizar as bases organizadamente e assim atrair outros setores da sociedade. Está provado que através da discussão e das instituições não se

consegue nada. O Congresso Nacional é um exemplo disso. Só nos resta a rua e é desta maneira que temos alcançado nossas conquistas, como as desapropriações e os incentivos.

3x4- *As pesquisas mostram que a popularidade do presidente Fernando Henrique Cardoso vem caindo nos últimos meses. O MST é res-*

ponsável por isso de alguma maneira?

Nina- Sim, nós fazemos um esforço para mostrar a sociedade quem realmente é FHC. Ele utiliza muito bem os meios de comunicação para passar uma outra imagem. Diz que não tem dinheiro para saúde, educação, reforma agrária..., mas tem para os banqueiros e para as políticas contra os trabalhadores. Na medida que o MST mostra a reforma agrária como uma saída econômica, política e social para o país e o governo não quer fazer a reforma agrária, a gente contribui para o desgaste de sua imagem.

3x4- *Na semana passada, João Pedro Stédile afirmou que os pobres da cidade deveriam se organizar para ocupar terrenos baldios e fábricas e para fazer manifestações em frente aos supermercados. Essa é uma posição pessoal de Stédile ou representa o MST?*

Nina- É uma opinião representativa de todo o movimento. Nós somos solidários com outras categorias de trabalhadores pobres e achamos que elas têm que se organizar para reivindicar seus direitos, não mendigar. Se existem pessoas sem casa, e terrenos que servem só para especulação, os pobres devem invadi-los. Se alguns passam fome e outros esbanjam, o povo tem que protestar em frente aos supermercados. Não invadir, mas mostrar ao governo que sabe onde tem alimentação. O MST sempre disse isso que o João Pedro (Stédile) repetiu, mas nunca repercutiu tanto. Agora, o governo tá radicalizando

"O MST sempre disse o que o João Pedro Stédile repetiu, mas nunca repercutiu tanto porque o governo não precisava explicar a compra de votos para a reeleição."

porque não consegue explicar a compra de votos para a reeleição e a morte dos sem-teto. No dia 17 de abril nós dissemos a mesma coisa em Brasília e ninguém lembra.

3x4- *O MST pretende ajudar objetivamente os movimentos urbanos a se organizarem?*

Nina- Nós incentivamos através da nossa experiência e disposição qualquer movimento rural e urbano que queira se organizar. Achamos muito importante que todos reivindiquem os seus direitos, mas nós não vamos organizar nenhum outro movimento, vamos apenas prestar apoio e ajuda para que eles próprios se mobilizem.